

FHC prepara mudança na articulação política

Tendência é pôr Aloysio no lugar de Gregori e dar um dos postos de líder no Congresso ao PFL

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso está remontando o xadrez da articulação política do governo e quer estreitar o novo time de coordenadores na volta dos trabalhos do Legislativo, depois do recesso parlamentar de julho. Segundo um importante interlocutor do Palácio do Planalto no Congresso, o presidente está decidido a transferir o secretário-geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira, para o Ministério da Justiça.

A idéia é aproveitar as mudanças no Itamaraty para acomodar seu ministro e amigo pessoal José Gregori. A troca restabelece no Ministério da Justiça o papel tradicional de articulação política e abre espaço para atender a uma antiga reivindicação do PFL: ocupar uma das três lideranças do governo no Congresso. O objetivo da cúpula pefelista é compensar o deputado Heráclito Fortes (PI), que teria desistido de disputar o posto de líder na Câmara com Inocêncio Oliveira (PE), justamente por conta de um aceno do Planalto que até hoje não se concretizou.

O interlocutor presidencial conta que Fernando Henrique ainda não definiu que liderança entregará ao PFL. Sua dúvida é sobre qual líder governista deverá ser deslocado para o Planalto, ocupando a secretaria-geral, no lugar de Aloysio. Nesse caso, entrarão no jogo da troca de cadeiras os postos de líder do governo na Câmara e no Congresso, respectivamente ocupados pelos deputados tucanos Arnaldo Madeira (SP) e Arthur Virgílio Neto (AM).

A preferência do PFL é pela liderança na Câmara, mas o partido também fica satisfeito no caso de Heráclito ser escolhido líder no Congresso.

O Planalto precisa resolver a pendência com os pefelistas até para preencher a liderança do governo no Senado, que está vaga desde a renúncia do ex-senador José Roberto Arruda (PSDB-DF). Fernando Henrique chegou a convidar o senador Geraldo Melo (PSDB-RN) para o cargo, mas acabou recuando diante do veto do senador José Agripino Maia (PFL-RN), endossado pela cúpula pefelista.

Desgastes – Não é de hoje que a substituição do ministro da Justiça vem sendo discutida no Planalto, em virtude das críticas generalizadas a seu desempenho, agravadas pela sucessão de desentendimentos entre Gregori e o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso. Somou-se a isso, o desgaste do ministro Aloysio na base aliada, especialmente por conta dos atritos com o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), que o enfraqueceram na coordenação política.

O líder peemedebista é um dos que mais se têm queixado publicamente da atuação do secretário-geral. Aloysio anunciou a Geddel a demissão de todos os apadrinhados do ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Geddel e o líder do PSDB na Câmara, Jutahy Magalhães (BA), chegaram a dar a boa nova a todos os correligionários, mas nada aconteceu.

A saída de Gregori vem no embalo da reforma no Itamaraty, desencadeada com a demissão do ministro do Desenvolvimento, Alcides Tápias, na terça-feira, e sua substituição pelo embaixador brasileiro em Londres, Sérgio Amaral. Por esse raciocínio, a Embaixada do Brasil em Portugal seria entregue a Gregori, que é monoglota, pondo fim à disputa pela vaga aberta por Sérgio Amaral. Londres, que é um dos postos mais cobiçados na carreira diplomática, ficaria com o atual embaixador em Lisboa, Synésio Sampaio. **(Christiane Samarco)**